



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

INAUGURAÇÃO DA PONTE QUE LIGA SERGIPE A ALAGOAS *

Delmiro Gouveia, AL
15 de junho

O Presidente da República expressa o seu interesse pela conclusão da Hidrelétrica de Xingó, por ocasião da inauguração da ponte que liga Sergipe a Alagoas, em Xingó. Essa Hidrelétrica virá solucionar o problema da falta de energia no Nordeste.

Trouxe um discurso escrito, mas resolvi não lê-lo porque julguei que seria de maior utilidade para esta minha visita, se eu pudesse, em poucas palavras, expressar o meu sentimento, sentimento da hora e do presente, sem que eu tivesse a frieza das palavras escritas num momento diferente.

Volto, pela terceira vez, a esta região. A primeira vez, em companhia do Governador João Alves, aqui em frente, no Estado de Sergipe, para inaugurar o Projeto Califórnia de Irrigação, um dos projetos de irrigação que, durante o meu governo, já conseguiu que a nossa capacidade irrigada fosse aumentada de 800 mil hectares; e chegaremos a um milhão de hectares até o fim do Governo.

Em toda a história do Brasil, nós tínhamos apenas um milhão e meio de hectares irrigados, dos quais a metade no Rio Grande do Sul, na irrigação de arroz e no gado. Hoje,

* Improvisado.

os projetos de irrigação se discriminam no Brasil inteiro, e, aqui, nesta região, mesmo, os senhores são testemunhas do que acontece em Petrolina, na área de projetos como o Brumado, na área de projetos como em Bom Jesus da Lapa, nos projetos perto de Juazeiro, que também já visitei. Se a gente for mais adiante, encontrará, também vários projetos de irrigação, em Pernambuco, na Paraíba, no Ceará, no Piauí, no Maranhão, e também no Brasil inteiro. Um esforço fantástico que hoje já permite que o Brasil tenha dezoito por cento da sua produção em quatro por cento, apenas, da área cultivada do Brasil.

O Brasil, graças a essa mentalidade que está implantada, com base na irrigação, em melhores técnicas agrícolas, de manejo de solo e sementes selecionadas, chegou ao patamar de 70 milhões de toneladas de grãos pelo terceiro ano consecutivo, e temos certeza de levar o Brasil, até o fim do século, a cem milhões de toneladas. Se ele continuar no mesmo ritmo alcançará um lugar de primeiro produtor mundial de grãos. E esta área do Brasil Central, do Nordeste, do São Francisco, contribuirá, sem dúvida, como uma das parcelas maiores desse grande Brasil alimentador do mundo inteiro, que nós olhamos no futuro. Naquele tempo em que visitei o Projeto Califórnia, havia somente árvores, e nós olhamos para o bruto lado, o Rio São Francisco, essa estrada extraordinária da integração nacional. Então, eu disse ao Governador João Alves: «Dentro de pouco tempo, eu vou iniciar a obra de Xingó».

Não deixarei a Presidência da República sem iniciarmos a obra que Xingó, que poderia ter sido a primeira hidrelétrica a ser feita no São Francisco, mas que está sendo a última, e só será começada porque tem, na Presidência da República, um Presidente que nasceu no Nordeste.

Aqui estive, pela segunda vez, no início da obra, no lançamento da obra. Já a paisagem se modificava. Já começava a aparecer os barracões, as máquinas, já se sentia um novo ânimo da população dessa região.

E Xingó prossegue no seu ritmo, vai ser concluída dentro dos cronogramas, tenho absoluta certeza. Durante o período do meu governo, nós cumprimos o cronograma que foi estabelecido para Xingó.

E hoje eu volto, pela terceira vez, a Xingó para inaugurar a ponte que vai ligar Sergipe com Alagoas, e já vejo outra paisagem, uma paisagem modificada, uma paisagem de intenso trabalho, e sabe Deus o que tem custado manter o ritmo de Xingó, em meio às dificuldades econômicas que o Brasil atravessa.

Um exemplo que eu levo da Presidência da República é que, em momento de dificuldades, quando se procura exercer um controle maior sobre o orçamento, os técnicos escolhem sempre aquelas áreas onde, imediatamente, é mais fácil obter cortes.

Mas eu quero falar, também, ao povo de Alagoas, principalmente aqui, de Delmiro Gouveia, onde nós nos encontramos e onde, no início do governo, tivemos um grande problema com o falecimento do proprietário da fábrica. A fábrica era o ponto de trabalho, de vida e de aglutinação da cidade. Com a possibilidade de seu fechamento, tive oportunidade de conversar com o deputado Albérico Cordeiro, a quem devo fazer justiça como um grande batalhador desta região e, através do Banco do Brasil, determinei o equacionamento do problema. Para cá veio um dos maiores empresários brasileiros, Xingó Botelho, que, não só recuperou a fábrica, como também estabeleceu, em termos de futuro, projetos que também irão dinamizar, dar trabalho, dar emprego, dar riqueza a esta região. Aí está Xingó caminhando.

Mas não ficamos só na obra. Demos, também, atenção aos problemas sociais, que são a preocupação do Governo em todo o projeto, e aqui já fizemos setecentas casas, uma cidade. E do lado de Sergipe também outra cidade, com a construção de 150 casas, e com outras casas construídas por particulares e com a colaboração do Governo. Aqui, nós construímos o melhor hospital da região, o mais bem equipado, com recursos do Governo Federal, através da CHESF. E entregamos este hospital em comodato e vamos doá-lo ao governo do Estado de Alagoas. Isto foi feito e o hospital está aí para servir a toda a população da área, e melhorar a saúde do povo.

Aqui em Xingó, também, fizemos um centro educacional, que é o melhor centro educacional da área, totalmente

equipado, e entregamos ao governo de Alagoas. Tive a satisfação de saber que o nome desse hospital é do meu velho amigo e companheiro, que foi o governador Arnon de Melo, senador da República por quem tive um grande apreço. Também, do outro lado, fizemos uma escola padrão. Aqui, em Alagoas, deleguei recursos ao Programa do SUDS, que é o sistema unificado de saúde, que era do Governo Federal. O Governo podia muito bem ter sido censurado por isso, por estar fazendo a propaganda, como gostam de fazer, e é muito justo, os políticos, (e eu sou um político), mas eu deleguei recursos aos Estados, através do SUDS, de todos os SUDS do Brasil, para que eles empregassem esses recursos, transferidos a eles, na saúde pública do povo brasileiro. E lá não aparece o nome do Governo Sarney, mas aparece a decisão do Presidente de ter abdicado de seu nome para que os recursos fossem empregados pelos Estados, no Brasil inteiro, e nos municípios.

Eu não quero fugir do problema do PRODUBAN. Quem são os maiores culpados? São aqueles que se aproveitando, muitas vezes, de facilidades de dirigentes, não pensam nos funcionários das instituições, e usam os recursos que são, ou do povo, ou recursos públicos, para beneficiar grupos de particulares, que querem viver à custa das tetas públicas e do sistema financeiro nacional. E fiz este favor com a maior coragem e determinação. Coisas que me amarguravam intimamente. Porque eu sei as repercussões que tinham.

Tive que fechar o Banco de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul e os de Santa Catarina e do Paraná, por coisas dessa natureza. Tive que decretar a intervenção no Banco do meu Estado, o Maranhão. Decreei a intervenção no Banco do Piauí. Decreei no da Bahia, decreei no de Mato Grosso, para que eles fossem saneados e, ao mesmo tempo, para que os próprios funcionários tivessem segurança, porque eles devem fiscalizar essas diretorias do Banco, que trabalham contra eles.

Agora mesmo, nós estamos presenciando um exemplo do que não se deve fazer no Brasil nesse setor, no que se refere às bolsas de valores, quando os empresários, que lá estão, provocam uma situação dessa natureza e depois que-

rem colocar a culpa no Governo. E o Presidente tem, muitas vezes, dificuldades em tomar decisões mas não tenho deixado de tomá-las. Se eu fosse um homem que olhasse a política como politicalha, se eu não tivesse a noção do meu dever de Chefe de Estado, eu estaria, hoje, querendo aprovar tudo, fazer todas as benesses, todas as solicitações, abrir os cofres públicos, e deixar, para o meu sucessor, um Brasil muito pior do que eu encontrei. Mas eu não farei isso. Prefiro arrostar com a impopularidade, prefiro arrostar com a incompreensão, com a calúnia ou com a infâmia. Mas, em nenhum momento, eu me chocarei com a minha consciência. É meu dever entregar o Brasil num momento difícil. E eu tenho procurado estar à altura desse momento difícil.

Há dois dias recebi um emissário que vinha da Espanha e que me trazia uma mensagem do Chefe do Governo, Dom Felipe Gonzales: «Diga ao Presidente Sarney que, de longe, nós, que vivemos o processo da transição democrática, estamos admirando o trabalho que ele está fazendo no Brasil, querendo fazer uma grande democracia num país novo, quando nós, espanhóis, para fazer essa grande democracia espanhola num país velho, de grande educação política, tivemos que arrostar maiores violências e maiores dificuldades».

Nunca se abriu antes, aos trabalhadores e aos mais pobres, um campo amplo de se discutir, de eles afirmarem a sua vontade. Esse era um país governado pela velhice e só pela velhice, sem nenhuma influência da voz do povo. E, no Governo Sarney, estas faixas se abriram de tal modo que ele é considerado um governo fraco, justamente porque dá voz aos trabalhadores, porque não reprime, porque não agride, porque não responde.

Brasileiras e brasileiros de Sergipe e de Alagoas, desculpem o desabafo. Mas eu quero agradecer as palavras de saudação generosas, que foram feitas pelo senhor Ministro Vicente Fialho, das Minas e Energia. E quero parabenizar todo o sistema ELETROBRÁS, a CHESF, através do Dr. Aleluia, pelo trabalho que aqui vêm realizando. Mas este trabalho seria impossível, se não tivesse a colaboração dos engenheiros, dos técnicos, dos trabalhadores que aqui

vêm, com suas famílias, em busca de trabalho, mas colocando gotas de seu suor para a transformação e a construção do Brasil.

Quero, também, me congratular com todos os empresários que trabalham nessa obra e que têm sofrido com as dificuldades financeiras que nós temos enfrentado e que têm repercutido aqui em Xingó. Quero dizer, também, que, quando assumi o Governo, as obras de energia do Nordeste estavam paradas. E não só no Nordeste, como no Brasil. Defasadas. E o Nordeste viveu aquele clima de racionamento que os senhores conheceram, que viveram e que sofreram. E se hoje o Nordeste não está vivendo o clima de racionamento, nós devemos à construção de Itaparica, na qual nós recuperamos e pagamos todo o atrasado. Terminamos também a obra e a construção determinada do linhão que atravessou a floresta Amazônica e veio, até Presidente Dutra, para trazer energia de Tucuruí, que ligasse e interligasse com o sistema da CHESF, fazendo com que o Nordeste continuasse funcionando.

Os senhores sabem quanto hoje representa o percentual de energia, fornecida ao Nordeste, a energia que vem de Tucuruí, através das linhas de transmissão que foram construídas, e de Itaparica? Cinquenta por cento, metade de toda a energia consumida no Nordeste. Se não tivéssemos feito essas obras, o Nordeste estaria hoje na maior crise da sua história, com quarenta por cento de racionamento. Mas elas foram feitas. Estão aí a serviço do povo.

Da mesma maneira, encontrei o sul do País, também com racionamento. Recuperei Itaipu, que estava com 4 anos de atraso. Fiz, também, a linha de transmissão até Itaporanga, reconstruí a estação reconversora de Ibiúna, que tem seis milhões de quilowatts, que é a maior estação reconversora que há no mundo, e dei energia para toda a cidade de São Paulo. E, até o fim do meu governo, Xingó continuará o seu cronograma, e depois do meu governo, eu estarei, simples homem do povo, com a cabeça erguida voltando para a minha casa, mas no meio de vocês, nordestinos, de onde eu saí e para onde eu vou voltar, reivindicando para que essas obras não parem.

Finalmente, a minha palavra de confiança, porque todo esse sacrifício não seria possível se não tivéssemos a certeza de que este é um grande país, que vencerá todas as suas dificuldades, que enfrentará todos os obstáculos e vai ocupar o seu lugar no mundo, sendo o grande Brasil que nós todos queremos.